



Re-vista de Humanidades

Nº 1 | SETEMBRO 2021





Helena Jaya Magalhães

Dancei a noite inteira cheirando seu cangote de cheiros profanos e perturbadores. Desfiz a fita amarela que segurava seus cachos espantados e me deixei enfeitiçar por todos os seus movimentos. Nunca então havia cometido pecado mais doce que aquele: o de morar nos olhos claros de Helena. Requebrava de um jeito desequilibrado, com gestos bêbados e suaves, no meio da roda, me olhando de cima, cheia de desdém, mordendo os lábios e me implorando um verso doido. Fiz um concerto inteiro só para despertar sua emoção.

Para Helena, eu sempre tirava o chapéu. Ela passava e levava consigo tudo o que eu era. Meu sorriso, meus sentidos, meus assuntos. Já era dona do meu cavaquinho, cada uma das cordas havia decorado seu nome, só obedeciam ao ritmo que movimentasse seus quadris. Empenhei minha viola porque só sabia chorar por ela. Passava as noites em claro pensando em sua pele de *Iracema*, que acordava a cada toque meu. Fumava um cigarro, bebia uma aguardente, sentava no mesmo banco de sempre no boteco, e ficava ali, riscando o balcão com meu cotovelo de apoiar todos esses devaneios de amor demais.

Guardava meu dinheiro, economizava os miúdos, juntava meus poemas, comia na casa de Ana, dormia na casa de Rita, desenhava o corpo de Júlia, fazia tudo por Helena. Fui ficando a cada dia mais desajustado, a cada hora mais desapontado. Helena estava solta no meu coração de tantas prendas - tantas presas. Na sua eterna inquietude, espalhou-se por meu corpo inteiro e, ainda assim, não saciava. Era um anelo de vontades que me dominava o juízo ao mesmo tempo em que acabava por perdê-lo.

Já numa noite de muita graça, com a quermesse armada na praça central, veio Helena enfeitando o vento com seu jeito de se espichar e me atíçar. Usava uma saia rodada e um chinelo dourado.

Pisava naquela rua de pedra como se o mundo acabasse de ser construído, só para cabê-la. Vinha numa avidez exausta, muito selvagem, deixando seu rastro. Parecia uma presa muito difícil, que jamais cairia na minha tocaia. Corri ao seu encontro, ofegante, rondando a caça, armado de carinhos. Seu corpo, suado de muitos passos, grudava sua blusa branca nos seios, deixando exposta uma provocação latente, tão dissimulada quanto ela mesma.

Foi atrás da igreja que nos descobrimos. Helena não se debatia, me deixava pegá-la; amansá-la ainda quando fazia suas vezes de bicho, rangendo os dentes e gemendo o som da sua raça de mulher voraz. Era tão faminta que salivava sua libido em minha boca. Nessa guerra tão lasciva, montamos ali uma trincheira, redoma para o prazer que vinha sendo descoberto. Debaixo da saia de Helena, a poesia me queimava. A heresia mais bonita e impetuosa foi essa que cometemos, abençoados por lua e estrela. Um teto de fulgor.

Depois era manhã e acordei antes do sol, para prepará-lo. Lustrei a ladeira toda só para que brilhasse o seu gingado. Fiquei na janela, ensaiando uma serenata com uma caixinha de fósforo nas mãos, falando muito torto, vestido em meu farrapo. Muito singelamente, soltei um verso no espaço, quando ouvi os primeiros passos. Num improviso vagabundo, Helena caiu em minhas mãos, exoticamente desarmada, me permitindo dedilhá-la ali, no meio da cidade.

Tão maluca e aturdida em sua própria magia, Helena sambou. Em mim.

Jaya Magalhães¹
Escritora



¹ Baiana, escritora, autora de *Líricas* (2012) e *Bem Ditas Cartas* (2021).